



# a night in tunisia

(ou o homem que matou Charlie Parker)

Douglas Bianchi



gueto editorial

# A Night In Tunisia

*ou*

*O homem que matou Charlie Parker*

Douglas Bianchi



**selo gueto editorial**

poesia anárquica, micronarrativas, fragmentos e afins  
colcha de retalhos manuscritos descarregada na rede

© **Douglas Bianchi, 2020**

**Coleção #breves | Livro 18**  
Selo Gueto Editorial ® 2020

**Edição e projeto gráfico**  
Rodrigo Novaes de Almeida

### **Contatos**

<https://revistagueto.com>

<https://twitter.com/revistagueto>

<https://www.facebook.com/revistagueto>

| [editorgueto@gmail.com](mailto:editorgueto@gmail.com) |

### **Licença**

Creative Commons

Este material não pode ser usado para fins comerciais.

livro dezoito

⊙

Passei por aqui só para lhe devolver sua chave. Não preciso mais dela. Tchauzinho,  
Liza.  
P.S.: *press play, baby.*

— Puta!

O pequeno bilhete já virou um amontoado disforme na mão suada de calor, cansaço e, agora, de raiva. Depois de dois dias sem notícias seria apenas isso o que ela tinha a lhe dizer? Correu pelos cômodos do apartamento pra verificar o que lhe sobrara das coisas em comum que compartilharam durante — pelo menos para ele — a fase mais prazerosa e a mais atordoada de sua vida. Seus olhos passavam rápidos pelos objetos e, aparentemente, estavam todos lá: livros, discos, pôsteres.

Ele julgava conhecer Liza o suficiente para não acreditar nesta história de “devolver sua chave”. Aquela era uma provocação e não ficaria sem resposta. Só não sabia como se vingar da afronta *liziana*. Olhou para o bilhete amassado como se aquele fosse o olho inquisidor de Deus, pronto pra ser chutado, acusando-o pelas sucessivas discussões e o desastroso rompimento. E antes de dar cabo à bolota de papel, releu-o.

— Filha de uma puta!

Sua cabeça latejava. Ainda podia sentir a pressão do sol sobre sua cabeça, assando os seus miolos, apesar de lá fora começar a escurecer. Arrancou a camiseta e com ela enxugou o rosto banhado em suor.

— *Press play, press play... Baby, o caralho!*

▶PLAY



Quando o apresentador do Massey Hall, em Toronto, subiu ao palco para anunciar a banda com as lendas vivas do *jazz*, Max Roach já ocupava seu lugar, frente à bateria. O tom da voz empolgante do locutor contrastava com a expressão tensa do rosto e o girar das baquetas pelos dedos do baterista. Ele apenas aguardava que o microfone se calasse para descontar nos pratos e tambores a cólera que o tomava. A discussão no camarim martelava em sua cabeça, constante como um metrônomo. Uma briga estúpida que selava a Grande Era do *Bop*.

De novo, os atrasos de Charlie Parker provocaram bate-bocas acalorados. Bird, como em outras vezes, havia esquecido ou penhorado o seu saxofone e, não conseguindo outro emprestado, enviou-lhes um mensageiro comunicando o contratempo que, somado ao atraso da apresentação por causa da luta de

boxe de Rocky Marciano, retardou o espetáculo e acirrou os ânimos dos músicos.

Tão logo se fez o silêncio esperado, a plateia e o baterista começaram, cada qual ao seu modo, a emitir seus sons, enquanto os outros músicos entravam em cena. Roach iniciava um solo que se estenderia por alguns instantes e que lhe serviria de base, anos mais tarde, para gravar “I Have a Dream”, o mais belo discurso de Luther King. Quase ao final desse início, o público se levanta, aplaude e assobia freneticamente, sem parar. O baterista percebe, então, o que está acontecendo: é Parker subindo ao palco.



Liza e suas esquisitices. Não era a primeira vez que ela aparecia com essa de apertar o *play*. Desde que passaram a viver juntos, eram recorrentes estes bilhetes curtos com exigências do momento e do volume em que deveriam ser feitos. A única coisa que importava a ela era o cumprimento religioso do pequeno ritual. Com o passar do tempo, foi caindo em desuso, a ponto de haver surgido poucos nos últimos meses de vida conjunta, assim como os jantares e as madrugadas de vinho e sexo.

Ele agradeceu o desaparecimento das caprichosas ordens de Liza. Quantas vezes chegara em casa desesperado por uma ducha ou ainda com restos de trabalho a fazer e lá ia ele, primeiro, satisfazer-lhe a vontade para que, quando Liza retornasse, estivesse pronto para recebê-la.

Em uma noite em que não chegou a tempo de ouvir a trilha musical selecionada por Liza, tiveram a primeira das brigas, a que anunciava o início do fim do relacionamento. Ela o acusava de traição por não ter feito sua parte na magia do relacionamento, que ele não se interessava mais por seu corpo, que só pensava em si mesmo, que ele... Oh, era o cacete ter de suportar esses sermões por algo tão patético.

— Porra, será que você não entende que não é sempre que posso fazer essas suas maluquices e que isso não tem nada a ver com gostar ou desgostar?

Mas pior que a recordação desta briga era a música que escutava, alta, pelo desejo de Liza e pela falta de coragem em contrariá-la, ainda que, por tudo o que ocorrera, não viveriam mais sob o mesmo teto. Esticou o braço para encontrar a caixa do CD. Quinta faixa. “A Night In Tunisia”.





Cada passo de Parker no palco era uma clara demonstração para Charles Mingus que, além do saxofone, outra coisa motivara o seu atraso. O caminhar trôpego e a gravata amassada do amigo não deixavam dúvidas de que ele havia se picado. Sua úlcera seria outra vez a desculpa para a nova dose de heroína, enfurecendo ainda mais o baixista.

Quando Roach terminou seu solo, iniciaram “A Night In Tunisia”. O baterista deu o sinal a Mingus e Bud Powell para que fizessem a marcação da seção rítmica, preparando a entrada dos metais.

Chegada a sua hora, Dizzy Gillespie inflou suas bochechas para mais uma vez tocar uma das músicas que criara o mito Charlie "Yardbird" Parker. Apesar da composição ser sua, ninguém a interpretou tão bem quanto Bird. Não eram só a capacidade de improvisação e a sua pirotecnia que o consagraram, mas o desejo de Parker vivificar e vivenciar cada frase saída de seu saxofone.

O pedido de resposta dado pelo sax ecoou pela sala. Dizzy tocava seu trompete com satisfação naquela noite conturbada, a plenos pulmões, como se adivinhasse o que viria pela frente. E juntos tocaram os acordes referentes ao Magreb, como em muitas outras apresentações, antes que Parker fizesse seu primeiro e breve solo.

Charlie Parker tocou-o com a mesma volúpia, a mesma intensidade. Seus dedos deslizavam rápidos sobre as chaves do saxofone, acompanhando as batidas nas cordas de Mingus.

Bird estava presente e tocaria para seus súditos.



Ele se deixou cair no sofá, amassando o livro que havia terminado de ler na noite anterior, enquanto aguardava que Liza enfim retornasse. Acendeu um cigarro e tentou entender de que maneira haviam chegado àquela situação. Sentia a cabeça pulsar, resultado de uma madrugada insone e do forte calor no centro da cidade.

Um sax desvairado e um trompete raivoso que duelavam, invadiam seus ouvidos e martelavam energicamente seus tímpanos. Não conseguia pensar em nada. Abriu o livro e releu seu começo: “Hoje, minha mãe morreu”. Se o pedido de Liza contivesse a leitura deste trecho, ele saberia quem morreria de verdade. Ela o havia abandonado e sua vontade era poder lhe cuspir sobre a cara todas as ofensas que conhecia e as que um dia seriam inventadas.



Gillespie estava furioso com Parker. Os atrasos, as bebidas, os saxofones esquecidos. Considerava injusto que a vida desregrada de Bird o permitisse tocar tão bem como estava tocando. Seria doloroso ver, outra vez, a plateia delirar com o seu solo. Alguém precisava detê-lo.

Chegada sua vez de tocar, Dizzy ruminava em sua cabeça aquela presença esmagadora quando soprou forte, mais que em sua primeira entrada. Era uma agressão dissimulada através da música, notada pelos outros companheiros de palco.

Bud Powell voltou-se para seu piano. Nervoso, pensava em não retornar para Nova York de carro com o restante da banda, lembrando-se do transtorno que fora a ida. Roach, que tocara durante muitos anos com Bird, disfarçou para não comprometer a noite, e se perguntava por que os negros insistiam em se enfrentar, principalmente sendo Dizzy e Parker. Mingus, por sua vez, não acreditava que Dizzy pudesse ameaçar a qualidade do concerto. Ele gravava o show com a intenção de vendê-lo, e a intensidade do trompete poderia comprometer a qualidade da fita.

Só Bird parecia não ter, de fato, assimilado a agressão. Estava incerto quanto ao golpe gratuito despachado pelo amigo. Não concebia a ideia de ter um duelo com Dizzy depois de tantos anos de amor mútuo. O volume do

trompete era exageradamente alto para uma noite de gala, uma noite com a reunião dos criadores do *Bebop*.

A descarga já havia sido dada e não era mais possível voltar atrás. Gillespie encarou o público com um sorriso, confessando ter cometido uma “trompetada”, e continuou tocando com a mesma ferocidade.



Aquele trompete começava a irritá-lo. Agora queria entender duas coisas: qual era a de Liza e o que queria o trompetista. Aliás, sempre tentou entender os desejos dela.

Lembrou-se da primeira noite em que saíram juntos. Foram apresentados por uma amiga comum, no bar em que ela trabalhava. Terminado o expediente, Liza sentou-se à mesa com ele e bebeu nos minutos seguintes o que ele levava a última hora bebendo. Depois passaram a se conhecer fisicamente sob olhares moralistas e invejosos, dispostos a terminar o jogo de sedução no apartamento dele.

Foi a primeira vez que alguém lhe gemeu injúrias, gritando de tesão. Liza urrou outras vezes, sempre rogando por mais sexo e mais violência.

— Mas que porra de trompete!

Formava-se em sua cabeça a imagem de Liza com suas bochechas infladas soltando palavras e mais palavras que se transformavam num longo discurso sobre as coisas que ele não conseguia entender sobre uma relação amorosa. Ela dominava o palco armado em sua mente e o culpava por não conseguir amá-la com a mesma intensidade, imputando-lhe a culpa pela ausência e pelo silêncio em que ele se escondia.



À batida na caixa da bateria, Bird começou seu segundo solo. O início soou natural, o virtuosismo levado à brincadeira, tocando a melodia na noção de tempo em que só Parker vivia. Mas o trompete de Dizzy e sua ferocidade pareciam, enfim, ter chegado ao seu córtex. Ainda conseguiu declarar-se Charlie “Bird” Parker, as frases e os dedos mais rápidos do *bop*. Porém, por pouco tempo.

O que se ouviu em seguida jamais se compararia ao som de Parker. Estava acuado. Seus medos cresceram diante de si, representados por cada espectador ali sentado à sua frente. Todos pareciam sorrir-lhe, prontos a devorar seu fígado. O mundo girava ao seu redor, acentuado pelo recente uso de heroína. E aos poucos cada fragmento de seu passado se desenrolava à sua frente.

Sentiu a mesma solidão infantil das noites no Kansas enquanto a mãe trabalhava nas boates da cidade. O mesmo tremor nas pernas, ainda garoto, ao ouvir o soar de um dos pratos da bateria de Jo Jones arremessado aos seus pés para que finalizasse sua participação numa *jam session*. Faltou-lhe a coragem que teve ao fugir de casa para se casar pela primeira vez. Desesperou-se com a lembrança da morte da filha, enquanto excursionava por Los Angeles. As picadas que o tranquilizavam e faziam sumir suas dores não pareciam mais ser suficientes para acalmá-lo da depressão que o atormentaria até o fim de seus dias.

Naquela noite, Parker fez uma releitura de seu próprio solo. Grande improvisador, capaz de incluir trechos de Stravinsky e música folclórica no seu ritmo jazzístico, ele debochava de si mesmo e declarava, a todos que quisessem entender, que entregava os pontos.

E foi o que tocou.



Ele estava transtornado pela impossibilidade de responder às desavenças de Liza. Ao mesmo tempo em que se julgava incapaz de lhe argumentar, pois

não sabia como e quanto a desejava, gostaria de lhe dizer que a queria, mesmo não a entendendo.

No mesmo momento em que soou uma batida seca na caixa da bateria da música que Liza selecionara, ele esmurrou o aparelho de CD, silenciando-o com o impacto da mão. Porém, continuou sentindo a música. Procurou de onde provinha o som daquele saxofone acossado até descobri-lo dentro do próprio peito. Era um lamento pela derrota, imputado por si mesmo e declarado por alguém que amava.

Não satisfeito com a bagunça em sua cabeça, resolveu deitar tudo ao chão. Começou pelo pôster de Charlie Parker com que Liza o havia presenteado. Depois partiu para os livros empilhados ao lado da televisão. O barulho produzido pelo impacto dos objetos abafava o som da música, aliviando sua tensão e aumentando ainda mais o ritmo da queda das suas tralhas.

Quando não pôde mais reconhecer a sua sala, parou. Agora podia, enfim, sentir-se em casa.



Gillespie, compreendendo a confusão do amigo, encheu suas bochechas e, mal o público passou a aplaudir o solo saxofonista, extravasou o som que

guardara durante muito tempo em sua cabeça: o solo mais perfeito que havia criado para sua música. Seus lábios se comprimiam no bocal do trompete, vertendo música por todo o salão. Queria mostrar quem era o mais feliz naquela noite, quem era o mais realizado na carreira, sem atrasos e dívidas, quem saía para trabalhar com o seu instrumento debaixo do braço, depois de ter praticado à luz do dia. Este *show* seria para ele a consagração de seu esforço e prazer pela música.

E continuou tocando até o momento em que a massa o aplaudiu de pé, como se tratasse de um culto ao Deus da música.



Ele ouvia um longo sermão de Liza narrando o motivo pelo qual o abandonava e que aquela desordem toda representava a maneira como ele demonstrava o seu carinho por ela e o quanto a amava. Tamanha era a verbosidade, que ele não podia se manter concentrado no fluxo que emanava daquela boca. Tentou fixar o seu olhar nos pés de Liza, mas eles não paravam quietos, sempre se movimentando, como se dançassem ao ritmo da música.

As suas tentativas de escutá-la eram cada vez mais frustradas. Sem conseguir se manter atento à fala de Liza, ele se levantou e caminhou em sua



direção. O sangue que aquela presença jorrava para o seu pau, tomou o caminho inverso, subindo-lhe pelo pescoço e rebentando em sua cabeça.

Desferiu um forte tapa, mas não havendo ali nada além de sua imaginação quixotesca, foi ao chão fazendo companhia aos cacos que havia criado, e explodiu num choro que o levou a um sono conturbado.



Quando, enfim, Dizzy terminou de solar, era chegada a hora de Bud. Seguindo a marcação do baixo e da bateria, as teclas do seu piano foram pressionadas rápidas e precisas, adquirindo a fluidez e o delírio do *bop*.

Enquanto tocava, pôde observar a pequena chama do cigarro de Parker, recluso num canto do palco. Bird estava fisicamente acabado. Tinha trinta e três anos, mas aparentava ter ultrapassado a casa dos cinquenta. Estava pesado e levemente curvado pra frente. Seu olhar estava longe, provavelmente em Kansas City. Bud Powell dedicou, mentalmente, aquele breve solo ao seu amigo que, suspeitava, partiria em breve.



Ele sonhava.

O sol forte parecia um canhão de luz sobre seu corpo, queimando sua pele e fazendo com que cerrasse os olhos para continuar a caminhada. Não sabia onde estava, nem pra onde ia. O mar estava bravo e o cheiro forte de sal dificultava sua respiração. Parou para enxugar a fronte e descansar um pouco. Apesar de estar só, sentia-se observado. Levantou-se, acendeu um cigarro e voltou a andar.

Longe dali, um homem vinha em sua direção. Os passos eram marcados pelo reflexo do sol em algum objeto metálico, atingindo o seu olho num ritmo rápido e constante. Teve medo, pois não sabia onde estava e pensou que, se não estivesse tão exausto, poderia calcular quanto tempo levaria para que os dois se encontrassem.

Quando se aproximaram, notou que o transeunte vestia uma túnica que lhe cobria todo o corpo, deixando apenas os pés negros a vista. Um pequeno cano prateado saía por uma abertura do tecido. Ao notar que o orifício metálico se voltava em sua direção, ele sacou a arma que surgiu em seu bolso e atirou.

Ao soar do estampido, o que era deserto virou uma reunião de pessoas que avançou sobre ele, agarrando-o pelos braços e cabelos, forçando-o a olhar

o morto, enquanto um outro virava o defunto. Ele não pôde conter o grito ao reconhecer o corpo de Liza e, sob ela, o saxofone de Charlie Parker.



A música terminava. Os acordes finais contavam com uma breve participação coletiva e a marcante ascensão dos metais, realçando a musicalidade tunisiana, que ainda lutava pela sua independência. Parker tentou mais uma vez satisfazer-se, ao elevar o volume e a flexibilidade do som de seu sax. Mas a noite era de Gillespie, que tentou apagar o chamado do saxofone, tocando alto e claro: hoje, o rei sou eu!

Bird escondeu-se novamente, enquanto Dizzy inundava os tímpanos da plateia e pensava: “Vou devolvê-lo a KC!”.



Ele acordou com o próprio grito de “não” e com o soar insistente da campainha. Sentia-se cansado, o corpo dolorido, e não conseguia se levantar pra atender à porta. Esperavam em silêncio. Dois corpos estáticos, esperando a ação de um sobre o outro.

Gritou novamente quando percebeu que a pessoa do lado de fora se afastava. Era um grito de medo, um chamado. Alto, porém, derrotado. Os passos se reaproximaram, e ele pôs-se de pé. Ainda bambo, saltou pra abrir a porta. A sua frente, um garoto assustado, olhos esbugalhados pela imagem que ele e sua sala lhe ofereciam.

Ele rompeu o silêncio:

— Cai fora, moleque, não tenho nada para você. Se você procura por alguém, não é aqui. Vivo só. Não tenho e não quero crianças nesta casa, ok? Área, cacete!

O menino, ainda mais assustado, respondeu-lhe que uma moça bonita pedira para que lhe desse um recado. Ele o cobriu com tantas perguntas — “Que moça? Qual seu nome? Que roupa vestia? Onde ela está agora? Como era ela? Por que não veio pessoalmente?” — O garoto, com lágrimas escorrendo pelo rosto, disse que não sabia de nada, apenas que a mulher havia lhe dado umas moedas e... Ele berrou para que o menino lhe dissesse logo qual era o recado, mas enquanto este lhe falava, seus ouvidos captavam apenas o som de um trompete que o levava à loucura.

**Douglas Bianchi.** *Nascido e criado no século XX em São Paulo. Formado por Oswald de Andrade, adora Hemingway, Excel e Messi. Há anos vende livros, mas é melhor enquanto leitor. Casado, pai, fumante. Como bom anarquista, desconfia dos comunistas. Como Darwin, perdeu a fé. Mas encontrou a Literatura. Não terminou a faculdade de Ciências Sociais. Não terminou os cursos de inglês e italiano. Não terminou seus romances. Continua vivo.*



**selo gueto editorial**

este projeto digital é destinado a correr livre na rede  
levando versos, antiversos, protoversos, metaversos e multiversos para o reviramento do mundo